

## O breve jornal Panorama: percepções do jornalismo na versão de remanescentes de experiência editorial

The brief Panorama newspaper:  
perceptions of journalism in the  
remaining version of editorial experience

Le bref journal Panorama: perceptions  
du journalisme dans la version restante  
de l'expérience éditoriale

Recebido em: 13/12/2020

Aceito em: 28/02/2021

DOI: 10.46952/rebej.v10i27.425

### RESUMO

O jornal Panorama circulou em Londrina, norte do Paraná, entre abril de 1975 e outubro de 1976, durante a presidência do general Ernesto Geisel. De iniciativa de um grande conglomerado de comunicação, mas idealizado por jornalistas oriundos da imprensa alternativa, o periódico ocupa um lugar peculiar na historiografia da imprensa. O grupo de repórteres, composto por profissionais premiados, fez de uma cidade agrícola do interior o polo de uma experiência política e editorial que ilustra a "miragem" democrática que marcou aquele período da ditadura. O objetivo deste artigo é explorar as percepções do fazer jornalístico na década de 1970, a partir de uma série de sete entrevistas em profundidade feitas com veteranos do periódico, para projeto de iniciação científica.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornal Panorama. Imprensa paranaense. Paulo Pimentel. Resistência democrática. Ditadura militar.

### ABSTRACT

The Panorama newspaper circulated in Londrina, northern Paraná, between April 1975 and October 1976, during the presidency of General Ernesto Geisel. Initiated by a large communication conglomerate, but designed by journalists from the alternative press, the periodical occupies a peculiar place in the press historiography. The group of reporters, composed of award-winning professionals, made an inland agricultural city the center of a political and editorial experience, which illustrates the democratic "mirage" that marked that period of the dictatorship. The purpose of this article is to explore the perceptions of doing journalism in the 1970s, based on a series of seven in-depth interviews with veterans of the journal, for a scientific initiation project.

### KEYWORDS

Panorama Newspaper. Paraná press. Paulo Pimentel. Democratic resistance. Military dictatorship.

### RÉSUMÉ

Le journal Panorama a circulé à Londrina, dans le nord du Paraná, entre avril 1975 et octobre 1976, sous la présidence du général Ernesto Geisel. Initié par un grand conglomerat de communication, mais conçu par des journalistes de la presse alternative, le périodique occupe une place particulière dans l'historiographie de la presse. Le groupe de journalistes, composé de professionnels primés, a fait d'une ville agricole de l'intérieur le centre d'une expérience politique et éditoriale, qui illustre le "mirage" démocratique qui a marqué cette période de la dictature. Le but de cet article est d'explorer les perceptions du journalisme dans les années 1970, à partir d'une série de sept entretiens approfondis avec des vétérans de la revue, pour un projet d'initiation scientifique.

### MOTS-CLÉS

Journal Panorama. La presse du Paraná. Paulo Pimentel. Résistance démocratique. Dictature militaire.



Luísa Lis Mainardes

[luisalismainardes@gmail.com](mailto:luisalismainardes@gmail.com);

Catarina Franceira

[catfranceira.cf@gmail.com](mailto:catfranceira.cf@gmail.com)

Giovana Frioli

[gifrioli@gmail.com](mailto:gifrioli@gmail.com)

Milena Aíssa da Silva Guilmo

[milena.aissa@gmail.com](mailto:milena.aissa@gmail.com)

Eduardo Magalhães Oliveira

[edududu.magalhaes@gmail.com](mailto:edududu.magalhaes@gmail.com)

Hiago Rizzi

[hiagotutra@gmail.com](mailto:hiagotutra@gmail.com)

Graduandos em jornalismo pela UFPR

José Carlos Fernandes

Doutor em Comunicação e professor da UFPR.

[zeca@ufpr.br](mailto:zeca@ufpr.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Em meados do ano de 1974, um grupo de jornalistas ligados à imprensa paulistana e carioca é convidado a colaborar na criação de um grande jornal – com design e texto moderno, liberdade editorial e instalado num prédio projetado para esse ramo de atividade, uma experiência inédita até então. A oportunidade derivou de um sólido conglomerado de comunicação – o Grupo Paulo Pimentel (GPP, sigla que seria assumida anos depois). O novo periódico, chamado Panorama, trazia outra particularidade: seria produzido fora do eixo Rio-São Paulo e à margem de qualquer outra capital. A sede era Londrina, no Norte do Paraná, uma espécie de epicentro do setor cafeeiro, em tempos em que o Brasil era o segundo maior produtor mundial de café.

Nos meses seguintes, a cidade rica e provinciana recebeu – não sem impacto – uma dezena de jornalistas premiados, alguns oriundos da revista Realidade, marco do gênero magazine moderno; outros da melhor imprensa alternativa ou “nanica”, termo coloquial para nomear os periódicos que se opunham ao regime militar e praticavam jornalismo de resistência, marcado pela análise, humor e criatividade (KUCINSKI, 2003).

Londrina soou como uma promessa em tempos difíceis para jornalistas ligados à esquerda. A maior parte desses profissionais de imprensa, diante da censura e da cassação dos direitos de ofício, viam rarear as oportunidades de emprego nas grandes cidades. Para a empresa que financiava o projeto, o “time dos sonhos” – formado por nomes como João Antônio (já consagrado na prática do conto reportagem), José Trajano (que viria a se tornar um dos grandes jornalistas esportivos do país), Narciso Kalili, Mylton Severiano da Silva, Ricardo Gontijo e Hamilton Almeida Filho, para citar alguns –, poderia desbancar a hegemonia do jornal Folha de Londrina, que somava, então, mais de 25 anos de história na região, e criar um veículo de alcance nacional a partir do interior do país.

Contudo, a combinação de interesses empresariais, cidade pequena e jornalismo de imersão e provocação não funcionou. O Panorama circulou durante 1975 e 1976. Nesse breve espaço de tempo a aventura dos “forasteiros” oriundos da grande imprensa e da imprensa alternativa foi ainda menor: contabilizou alguns meses, do final de 1974, quando se mudaram para a Norte do Paraná, aos primeiros meses de 1975, quando um “cisma” na redação levou à demissão coletiva do “núcleo duro” do Panorama.

A estranheza provocada nos leitores mais conservadores, diante da linguagem e da abordagem das matérias de revista do Panorama, somada ao tom pouco reverente da editoria de política aos donos do poder local, levou a um desentendimento em cadeia entre políticos, empresários e a redação. Quando a liberdade editorial foi abalada, o grupo de jornalistas “de fora” se desligou de forma coletiva do GPP, em protesto. A influência daqueles editores e repórteres renomados marcou o jornal nos próximos meses. Muitas propostas estilísticas e editoriais foram mantidas, assim como aprimoradas, ainda que não tenham garantido a sobrevivência do veículo.

A Geada Negra, ocorrida em 18 de julho de 1975, foi outro golpe para o jornal. A economia londrinense eclipsou ao encerrar o ciclo cafeeiro do Paraná. Sem receita que o sustentasse, o Panorama deixaria de circular em meados de 1976, com uma

média de 540 edições. O periódico, mesmo encerrado, continuou a ser reverenciado pelas gerações seguintes, que o citam como um capítulo espetacular – e muitas vezes deixado de lado – da imprensa brasileira. À revelia de ser muito citada, a experiência do Panorama carece de pesquisas, vácuo que esse estudo inicial se ocupa de preencher.

A presente pesquisa se ocupa de investigar quais os saldos entre o jornalismo de revista e de imprensa alternativa e o jornalismo empresarial. Além de reunir subsídios, – capazes de sugerir um lugar para o Panorama e posteriormente para outros jornais além do eixo Rio-São Paulo na historiografia da imprensa –, há uma análise da percepção do jornalismo “à la Panorama” extraída das sete entrevistas realizadas pelo grupo com veteranos do jornal. São variantes desse discurso, entre outras: o saudosismo do jornalismo romântico presente no time Rio-São Paulo, o encantamento dos jovens jornalistas londrinenses diante desse discurso e a própria autocrítica dos antigos membros às falhas de gestão do periódico.

### 1.1 O TEMPO DO PANORAMA

No breve período de circulação do jornal Panorama, o presidente militar era o general Ernesto Geisel (1907-1996), que sucedeu o general mão-de-ferro Emílio Garrastázú Médici (1969-1974). Anunciado como de abertura gradual, o momento foi de forte turbulência devido ao início da crise do petróleo, seguido pelo assassinato, em São Paulo, do jornalista e diretor do telejornalismo da TV Cultura, Vladimir Herzog, em dependências militares (1975), e da necessidade de pôr em prática uma estratégia de liberalização política para recuperar o suporte econômico da população (ABREU, 2002). É nesse cenário que o Panorama entra em cena – movendo-se em meio a um jornalismo pendular, que pisava em campo minado. Essa tensão entre as grandes esperanças e as táticas confusas do governo militar é visível nas manchetes do jornal – em especial depois da saída do grupo vindo da grande imprensa (Realidade) e da imprensa de resistência (os chamados nanicos).

No Paraná, desde 1960, a economia de monocultura, baseada no café, gerava debates acalorados. Os jornais funcionavam como tribuna para discutir o “ser ou não ser” um estado cafeeiro. Com o endurecimento do regime militar, a partir de 1968, a imprensa local seguiu a tendência nacional e baixou a guarda, resumindo-se a discutir macroeconomia (BASILE, 2002).

Depois da Geada de 1975, sem alternativa, voltam a imperar longas preleções sobre quais deveriam ser as matrizes econômicas do estado que se despedia do “ouro verde”. Londrina funcionava como núcleo administrativo da cultura cafeeira, tanto quanto Curitiba e Santos – uma por força de ser a capital, outra por abrir o porto de exportação. Não era uma cidade para iniciantes, embora pudesse parecer um ponto como tantos do interior rico e próspero do país.

Em 1965, quando o governo federal cria o bipartidarismo Arena e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), Londrina vai ser prodigiosa na oposição. A cidade abrigava o capital e a pressão liberal pela abertura política – dois fatores que fariam qualquer meio de comunicação circular e atrair anunciantes. Mas o tempo virou – tanto nos termômetros, antecipando o fim do café debaixo da geada, como na sala da chefia do

Panorama, quando parte dos jornalistas pede demissão coletiva, em abril de 1975, tirando aos poucos o oxigênio da redação. Tanto Londrina quanto o Panorama se perderam na miragem chamada 1975 – o ano que poderia ter sido.

### 1.2 METODOLOGIA

Para realização desta pesquisa, foram emprestadas 547 edições do jornal *Panorama* do acervo do Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom), desde 2010 proprietário do acervo do Grupo Paulo Pimentel (GPP), empresa de origem do objeto em análise (FERNANDES, 2016). O material – em sua maioria no formato *standard* (50 centímetros de altura por 30 centímetros de largura) – está encadernado em cerca de 40 fascículos, acomodados em sala reservada no Departamento de Comunicação da UFPR – Rua Bom Jesus, 650, bairro Juvevê, em Curitiba. A condição do acervo é moderada – há páginas soltas, rasgadas, algumas descontinuidades na sequência de arquivamento e mofo. Contudo, o estado pode ser considerado acima da média para a uma coleção de jornais formada há 45 anos.

A pesquisa se deu nas seguintes etapas:

**a) Leituras flutuantes:** com a proposta de criar familiaridade com o material de pesquisa, de modo a ampliar a possibilidade de escolha dos recortes a serem observados (BARDIN, 2016; URQUIZA; MARQUES, 2016), foi utilizada a metodologia de “leitura flutuante” como primeiro contato com as edições do jornal. Cada pesquisador teve a liberdade de traçar seu próprio roteiro com as “leituras” realizadas individualmente.

**b) Estudos coletivos e documento de trabalho:** o material coletado nas “leituras flutuantes” foi colocado em comum, assim como os demais conteúdos explorados pela equipe, em reuniões quinzenais, no segundo semestre de 2019, sempre em sala de aula do Departamento de Comunicação e no período de contraturnos. Nesses encontros, foram acentuados conteúdos essenciais à pesquisa, tais como: a imprensa alternativa e a razão dos jornais à ditadura militar; o jornalismo paranaense e o protagonismo do Grupo Paulo Pimentel; os efeitos da Geada Negra de 1975 sobre a economia do Paraná; a formação do Norte do Paraná; as informações esparsas sobre o jornal Panorama. Tarefa deu origem a um “documento de trabalho”, em que se optou em dividir o grupo em seis temas distintos, relativos a capítulos essenciais à pesquisa, de modo a organizar documento passível de traduzir qual era o Paraná e o Brasil – assim como a imprensa – nos menos de dois anos em que o jornal *Panorama* circulou.

**c) Entrevistas:** os encontros realizados periodicamente pelo grupo para a apresentação das informações obtidas pelas leituras flutuantes e confecção do documento de trabalho amparam a segunda etapa da pesquisa, que consiste na análise da história oral (ALBERTI, 2013) por meio de entrevistas em profundidade (DUARTE; BARROS, 2011), feitas com profissionais que atuaram no Panorama, nas fases iniciais, meio e final do jornal. A partir de um levantamento foram escolhidos cerca de 20 nomes que poderiam fazer parte do rol de conver-

sas. Dessa forma, iniciou-se a tarefa de localizá-los e fazer contato. Da totalidade de nomes sugeridos, sete foram convidados e aceitaram ceder entrevista ao grupo de pesquisa. Sendo eles: a jornalista Célia Regina de Souza; o publicitário, escritor e jornalista Domingos Pellegrini; a repórter fotográfica Elvira Alegre; o jornalista, diretor e um dos fundadores da emissora ESPN Brasil José Trajano; o jornalista, escritor e membro da Academia Paranaense de Letras Nilson Monteiro; o jornalista e advogado catarinense Walter Schmidt e o antigo diretor de jornalismo da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), Wilson Serra. As entrevistas aconteceram por meio de videochamadas e seguiram um pré-roteiro comum<sup>1</sup>, com suas próprias especificidades. Tiveram como objetivo aprofundar os assuntos previamente explorados, levantar novos pontos de investigação e traçar uma cronologia, a partir de eventos comuns aos entrevistados, além de gerar fontes para futuras pesquisas. O acervo reunido soma sete entrevistas com média de uma hora e meia de duração cada.

## 2 PERCEPÇÕES DO JORNALISMO

### 2.1 ROMANTIZAÇÃO

A análise das falas dos sete entrevistados para essa pesquisa aponta uma tendência geral à idealização das práticas jornalísticas “em outros tempos”, que aqui vamos chamar de “romantização”, por entendermos ser a palavra que melhor define a soma de memória do jornalismo não-analógico, reportagem de imersão, construção coletiva de pautas e crença no poder transformador do jornalismo. Os pesquisadores entendem que parte das afirmativas entusiasmadas sobre o passado se dá em oposição ao presente, em meio à escala industrial da produção da notícia, regida pelo expediente digital - não raro feito em baias solitárias e com interação via mensagem (MARCONDES FILHO, 1993).

Com exceção do jornalista Walter Schmidt – que não participou da era do ouro com o time do eixo Rio-São Paulo –, tendo atuado nos meses de encerramento do Panorama, os demais afirmaram continuamente que o jornal introduziu e pulverizou na redação o espírito do jornalismo “de verdade”, sinônimo de jornalismo “pé no chão”, “de rua”.

As figuras centrais que trouxeram o jornalismo “de rua” para o Panorama eram os “maiores profissionais da imprensa brasileira naquele determinado momento” (TRAJANO, 2020). Ou seja, jornalistas de primeiro nível oriundos das “super-revistas” da época. Segundo José Trajano, “foi a maior experiência que eu vivi na minha vida profissional. Os profissionais que trabalharam juntos, não há [similares] na história da imprensa brasileira” (TRAJANO, 2020).

---

<sup>1</sup> O pré-roteiro pedia uma síntese do entrevistado sobre sua atuação no jornal *Panorama* e servia de mote para garimpar opiniões convergentes ou divergentes sobre o periódico ser ou não um alternativo, as relações com o empresário Paulo Pimentel e o motivo da ruptura; o legado da experiência; as relações turbulentas com o público de Londrina; as experiências mais marcantes da redação.

Algumas das expressões mais repetidas durante as entrevistas foram: “impressionante”, “maravilhoso”, “fantástico”, “um sonho” e “inesquecível”. Parte desse sentimento romanesco se justifica pelo tipo de jornalismo incentivado durante o primeiro mês de publicação do Panorama. Ao serem questionados sobre a possível veia alternativa do periódico, a maioria dos entrevistados afirmou que o espírito criativo era presente, por mais que a abordagem comercial fosse prioritária. “Como dizia o Hamilton Almeida Filho, era uma procura por um novo jornalismo brasileiro” (PELLEGRINI, 2020). Com um legado de revistas como a Realidade, o objetivo era “quebrar as pernas do formal” e trazer ao mercado nacional um jornalismo diário diferente, ousado, crítico e questionador. Segundo Medina (2002), a entrevista é uma ferramenta que procura no campo particular, informações que possam interessar à esfera pública. Com o rompimento da principal hipótese levantada inicialmente pelo grupo de pesquisa, é possível identificar, a partir da classificação de Medina (2002), que as entrevistas realizadas se configuram no subgênero de compreensão, mais especificamente, como perfil humanizado. Ou seja, a finalidade do diálogo é com o levantamento de informações verídicas que preencham as lacunas da história do Panorama e não a busca pela condenação ou glamourização do periódico ou de seus jornalistas.

Para tornar esse projeto possível, viver o jornalismo era pré-requisito. A motivação para desenvolver um jornal revolucionário em escala nacional era tanta que, para os jornalistas do eixo Rio-São Paulo, o trabalho funcionava como uma missão de vida, um sacerdócio. Tal comportamento se mostrava regra entre os forasteiros e o esperado dos novos jornalistas contratados da região. Célia Regina de Souza – à época com 19 anos – se surpreendeu com a paixão que o grupo tinha pelo jornalismo. “Era uma turma incontrolável, vivia para aquilo, de coração. Eles almoçavam e dormiam no jornal” (SOUZA, 2020). A máxima do jornalismo full time e “razão de viver” não é um privilégio daquele fim da era romântica, início da era industrial (ABREU, 2002), mas no Panorama, a tomar pelos depoimentos, esse ideário era levado ao extremo, como se aquela experiência pudesse salvar o jornalismo de si mesmo. Prova disso é que os jornalistas do “time dos sonhos” se habilitavam a formar uma nova geração de repórteres, iniciando-os nas boas práticas de redação.

78

## 2.2 ENVOLVIMENTO COM A JUVENTUDE LONDRINENSE

Outra variante identificada, sobretudo nas entrevistas com a repórter fotográfica Elvira Alegre e a jornalista Célia Regina de Souza, foi a admiração e o encantamento da juventude londrinense com os jornalistas paulistas e cariocas. Esse envolvimento também se deu na vida cultural da cidade, mas numa perspectiva profissional. A turma do eixo Rio-São Paulo representou uma escola informal de jornalismo para os universitários de Londrina – que então produziam os seus próprios jornais alternativos e de protesto à ditadura. A relação desenvolvida entre esses dois grupos se mostrou baseada na admiração que os jovens tinham pela paixão dos veteranos com o jornalismo que defendiam.

A hoje fotógrafa Elvira Alegre tinha 18 anos na ocasião e recorda:

Meu mundo mudou completamente, comecei a ver como se fazia o jornal. Além deles serem bons, eles ensinavam e deixavam aquela moçada toda deslumbrada participar das reuniões de pauta, aquelas reuniões duas horas da manhã. Eu era a mais nova ali e comecei a fotografar. Saía para fazer matérias na cidade, mas com aquelas pautas do Narciso. Ele era um cara com uma visão muito pra frente, então eram umas pautas que a gente nunca tinha visto. Era tudo diferente da Folha de Londrina, eram coisas mais profundas e investigativas. (ALEGRE, 2020)

Na ocasião, Célia Regina de Souza estava inserida no jornalismo universitário como repórter do Poeira, uma produção alternativa realizada pelos estudantes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com caráter de resistência ao regime civil-militar. Ainda que os jovens estivessem encantados com novos moradores, o relacionamento era recíproco. “Eles meio que adotaram a gente e nós criamos essa relação de amor com eles também. Eles acharam que estavam vindo para um lugar super provinciano e encontraram uma juventude de cabeça arejada” (SOUZA, 2020).

A juventude londrinense se deparou com um novo ideal de jornalismo a ser seguido e uma nova forma de fazê-lo: vivendo. Alegre declara: “O Hamilton sempre falava que o jornalismo de verdade é aquele jornalismo a sangue quente. Essa semente foi plantada. Todo mundo que passou por lá [...] aprendeu diferente” (ALEGRE, 2020). Ainda que o contato com Londrina tenha tido suas desavenças, para os “focas” – jargão para jornalista em início de carreira – foi uma oportunidade inesperada sentar ao lado dos grandes, conversar e aprender de forma acessível. Sobretudo nos três primeiros meses do Panorama, com a motivação gerada pela novidade.

Parte dessa dedicação entusiasmada se justifica pelo desejo de alcançar o êxito do jornal, afinal, tratava-se de uma oportunidade única no jornalismo brasileiro: criar um periódico do zero, com liberdade criativa e contando com uma infraestrutura de ponta – inclusive a construção de um prédio arquetetado para um grande jornal, privilégio raro, então. Segundo os entrevistados, foi “um sonho”, “uma aventura” e “uma revolução”, mas a paixão pelo projeto não garantiu sua continuidade – o veículo se viu sujeito a variantes políticas e econômicas. Pellegrini diz: “O melhor jornalismo é aquele que te tira da zona de conforto, te faz ver o óbvio, e a inovação; olhar as coisas com outros olhos. Isso o jornal Panorama fazia, mas intensamente demais, eu acho” (PELLEGRINI, 2020).

### 2.3 AUTOCRÍTICA E CRÍTICA EM RETROSPECTIVA

Outra percepção do jornalismo, desta vez identificada de forma unânime nas entrevistas cedidas ao grupo de pesquisa, foi a autocrítica dos antigos membros ao periódico. Ainda que o discurso romântico e afetivo esteja presente de forma assídua, o elogio veio acompanhado de um reconhecimento das falhas do Panorama.

As diferenças culturais entre os forasteiros e os londrinenses – fossem populares, empresários ou mesmo profissionais de imprensa consolidada na cidade – começaram a incomodar. Por mais que para os jovens o momento fosse uma oportunidade

única, para o restante da população os paulistas e cariocas passavam uma impressão colonialista. Esse conflito afetou diretamente o número de anunciantes do jornal. A receita publicitária nutrida por anúncios classificados (de pequenas vendas) e venda de 30% do espaço editorial das páginas impressas era a base do modelo de negócios dos jornais brasileiros.

A pressão dos anunciantes em debandada – fato apontado pelos entrevistados, mas ainda em pesquisa pelos autores –, encontrou seu desfecho no sufocamento político e econômico do *publisher* Paulo Pimentel. Os dois episódios não totalizam o insucesso do Panorama, mas o justificam em boa medida. Trajano relembra: “Foi uma vida maravilhosa, mas tínhamos a sensação que aquilo não iria durar muito, por várias questões, políticas, de comportamento, da cidade que em parte olhou torto para a gente” (TRAJANO, 2020).

O reflexo dessa paixão seguida da má recepção dos leitores pode ser ilustrado pela recepção morna diante da primeira publicação do Panorama, uma série de cadernos em tabloide, que demorou três meses para ser finalizada e trazia soluções editoriais que se tornariam padrão na imprensa nacional – a exemplo da pesquisa de opinião. O propósito do “pacote” de lançamento era apresentar Londrina por meio de um novo ângulo, por isso foram realizadas pesquisas e reportagens de fôlego.

A edição de estreia, feita para ganhar os leitores, mas cujas pretensões pareciam desafiar os limites do mercado de leitura do interior, contou com três cadernos temáticos, tendo em média de 50 páginas cada: Cidade, Economia e Aventura. As produções nasceram de uma imersão na cidade, seguida de análises e criativo aparato gráfico, fotográfico e editorial. Ainda que para alguns dos entrevistados as reportagens presentes nesta primeira edição fossem excelentes, o jornalista e escritor Domingos Pellegrini tece uma crítica e enxerga como isso pode ter prejudicado o lançamento e a continuidade do Panorama:

A primeira edição já pecou por uma coisa, ela era muito grande, eram três cadernos volumosos. Então, além de criar um problema para a distribuição, criava um impacto no leitor. Ao mesmo tempo que mostrava poder, mostrava inadequação. Ao invés de chegar com uma visão de integração, eles chegaram com uma visão de impacto. Esse foi o grande erro. (PELLEGRINI, 2020)

Entre os jornalistas entrevistados, vigora um consenso sobre a inovação, a ousadia e o ineditismo do experimento, mas também existe uma conformidade sobre o fim prematuro do jornal e como ele estava premeditado. Um sonho que durou pouco, justamente por ser inviável (SERRA, 2019).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com uma série de sete entrevistas e leituras do acervo do jornal Panorama, foi possível identificar perspectivas que não havíamos previsto no início da pesquisa, des-



construindo algumas hipóteses levantadas sobre o periódico. Além disso, a reconstrução de alguns dos eventos chave da breve história do jornal se tornou factível somente com a colaboração dos jornalistas entrevistados, rompendo com os isolamentos individuais das histórias e contribuindo “à pluralização democrática de vozes e à distribuição democrática da informação” (MEDINA, 2002, p. 8).

Uma das principais assertivas sobre o Panorama diz respeito a sua trajetória editorial. A partir das pesquisas, traçamos três fases distintas, que evidenciam, principalmente, a vida e a morte do breve periódico. Para que estas fases sejam definidas é preciso lembrar, entretanto, a grande produção do jornal antes que ele fosse para as bancas. Devido à ambição de estabelecer um jornalismo de impacto, o Panorama teve uma fase piloto, que se inicia cerca de três meses antes do lançamento do jornal. Este período de teste permitiu que os jornalistas preparassem suas reportagens com detalhismo – uma espécie de laboratório, cuja origem vem, em alguma medida, da imprensa alternativa (CHINEM, 2004).

Em relação às definições das fases, o grupo de trabalho identificou rupturas e marcos históricos que influenciaram diretamente nesta demarcação. Em sua primeira fase, a partir da edição 01, é possível observar um jornal inovador, com grande impacto na região de Londrina e que contava com audácia e experiência de grandes nomes da imprensa brasileira. Neste início, tem-se a criação do “mito” do Panorama, que permanece, mas revestido de frustração: as memórias dos entrevistados revivem um jornal projetado para ser grande e competir com os maiores do país, mesmo tendo sede no interior. Um periódico capaz de ser um marco para a imprensa paranaense e uma nova fase do jornalismo apta a conciliar a linguagem de revista num suporte diário. Paralelo, forte o bastante para sustentar a acidez do gene alternativo.

O jornalista José Trajano, em entrevista à equipe, afirma que o Panorama permitiu à população londrinense saber sobre si mesma, tamanha a profundidade e arrojo das matérias que retratavam a região:

A cidade de Londrina não tinha se visto, não sabia como ela pensava. O Narciso [Kalili] contratou um instituto importante na época, que perguntou aos moradores como eles viam a homossexualidade, o preconceito racial, o que pensavam da vida, como era a educação... Então foi a primeira vez, em muitos anos de Londrina, que a cidade começou a conhecer o que a população pensava dela mesma. [...] O povo de Londrina não se via no jornal, quem aparecia na Folha de Londrina era o ricoço, não o homem da rua, do campo – esse não via no jornal. Nós trouxemos para dentro das páginas o pessoal que realmente fazia a cidade. (TRAJANO, 2020)

As raízes alternativas do Panorama se mostravam presentes em várias matérias dessa primeira fase. Pessoas comuns da cidade surgiam como personagens para tratar de temas relevantes para a comunidade. Figuras locais importantes eram expostas e colocadas contra a parede, em matérias mais profundas, sem concessões ao chamado jornalismo chapa-branca. A própria Londrina também era alvo de críticas dos repórteres forasteiros, demonstrando uma possível dificuldade dos jornalistas em se adaptar ao ritmo de uma cidade do interior.

Essa fase mais ambiciosa, contudo, teve um curto período no Panorama. Ela se encerra com uma briga entre o editor Narciso Kalili e o empresário Paulo Pimentel,

dono de um conglomerado de jornais, emissoras de rádio e de televisão. O jornalista Nilson Monteiro relembra o episódio em que os 42 jornalistas da redação fizeram uma carta conjunta de demissão – marco do primeiro rompimento do periódico:

O Narciso reclamou que estava tendo muita perseguição e um boicote do setor comercial da cidade. O Narciso disse: “eu só vim pra cá porque você me deu carta branca, se você for tirar essa carta branca nós vamos embora agora”. Os 42 jornalistas que estavam em Londrina, voltaram para São Paulo. Parecia um enterro. (MONTEIRO, 2020)

A partir da ruptura, e a demissão do “time dos sonhos” do Panorama, uma nova fase se inicia. O jornal se reergue com jornalistas da cidade de Londrina e também de outras partes do estado, principalmente de Curitiba. A partir das evidências, identificou-se nesta segunda fase um jornalismo mais tradicional, o chamado “jornalão” (NOBLAT, 2002), mas que mantinha algumas táticas editoriais da fase de laboratório e do primeiro mês de circulação – conforme afirmaram os entrevistados Nilson Monteiro e Walter Schmidt. A equipe do Panorama pós-Kalili tentou reconstruir a imagem do jornal na cidade e se aproximar da população.

Uma nova ruptura, porém, se instalou com a devastação dos cafezais paranaenses em 18 de julho de 1975. A chamada Geada Negra queimou na raiz mais de 850 milhões de pés de café no estado, desempregou cerca de 300 mil lavradores, provocou o êxodo do campo, criou inchaço na periferia de Curitiba – para onde houve migração contínua – e reduziu bruscamente o crescimento demográfico de cidades que eram verdadeiros eldorados, a exemplo do município de Cornélio Procopio.

É provável que a crise financeira, decorrente da Geada Negra, tenha contribuído para o término das atividades do periódico londrinense, em outubro de 1976. Em entrevista, um dos jornalistas do Panorama à época, Wilson Serra, lembrou como o período impactou a redação. “Quem comprava jornal da banca deixou de comprar por falta de dinheiro, o mesmo aconteceu com muita gente que anunciava e parou de anunciar” (SERRA, 2019).

Devido à grande crise que se instalou no estado, a terceira fase evidencia um jornal em declínio, sem capacidade de financiamento ou lucro — seja por dificuldades com anunciantes, seja pelo sufocamento do conglomerado de mídia do empresário Paulo Pimentel.

### 3.1 ENQUADRAMENTO DO PANORAMA

Uma das hipóteses iniciais desta pesquisa indicava a possibilidade de o Panorama ser enquadrado em algum nível como um dos mais de 150 periódicos da imprensa alternativa brasileira (CHINEM, 2004; KUCINSKI, 2003). A tese surgiu após a percepção das semelhanças do jornal com outros alternativos que circulavam no país, principalmente pelas características de linguagem, temáticas e enquadramentos; e de contar, na fase inicial, com jornalistas que, em tese, vieram para Londrina “aplicar” o que faziam editorialmente em jornais como o Bonde, Movimento, Opinião – sem falar

na revista Realidade, que mesmo sem ser alternativa, dialogava e influenciava os nani-cos (SEVERIANO, 2013).

Partindo de algumas declarações, pode-se afirmar com tranquilidade que o jornal não se enquadra nesta categoria, não somente pelo financiamento empresarial que o sustentava - tema ainda em debate quando se fala dos alternativos, posto que o mais famoso deles, o Pasquim, tinha excelente receitas - (KUCINSKI, 2003), mas também por ter a ambição de ser uma referência nacional e bater de frente com outros grandes jornais da época; além de ombrear o maior concorrente regional, o jornal Folha de Londrina. Para o jornalista Nilson Monteiro, o Panorama era “empresarial”:

Ele era próximo dos alternativos, pois o pessoal que fez o Panorama saiu do Ex, da Revista Realidade, de jornais bons e alternativos. Ele [Panorama] pode ser sim, no ponto de vista de inteligência ser da Imprensa Alternativa, mas era um jornal grande empresarial – tinha grandes sonhos, grandes voos. (MONTEIRO, 2020)

Além da inspiração alternativa, o Panorama carrega os ares das revistas da época. A revista Realidade, citada nas entrevistas e considerada uma das maiores revistas do país, trouxe um caráter investigativo e de profundidade para o jornalismo brasileiro. Como um jornal que tinha a intenção de ser inovador, o Panorama não deixou de se inspirar nos modelos e no processo de construção de reportagens desta revista – alguns dos nomes da redação traziam, inclusive, a experiência da revista para a redação em Londrina.

83

### 3.2 FIM DO PANORAMA

Uma das revelações sobre o Panorama – via entrevistas – diz respeito ao fim da publicação. O jornal, sendo financiado por um ex-governador e empresário, depa-rou-se com um boicote comercial e político que acarretou em sua ruína. O ingrediente político contribuiu muito para o término do jornal. Na época, Paulo Pimentel era ini-migo político do então governador Ney Braga, próximo da ditadura. O Panorama, cuja manutenção era onerosa e sem apresentar lucro, foi sufocado politicamente. O jorna-lista Walter Schmidt recorda:

Acontece, neste mês de abril, provável, março ou abril de 1976, uma grave crise política no Paraná, que resultou numa briga entre o Paulo Pimentel e o Ney Braga. O resultado desse rompimento e briga política foi a perda da concessão da Rede Globo do Paraná, do Paulo Pimentel. Ali instala-se uma nova crise no jornal Panorama, que é diretamente afetado, porque ele contava com um pouco de recursos das duas televisões do Norte do Paraná que transmitiam a Globo. (SCHMIDT, 2020)

Além do sufoco político, o Panorama não conseguia se manter sozinho – como os jornais, em geral, no Brasil (SANT’ANNA, 2008). Desde as primeiras edições, o Pa-norama encontrou dificuldades para fidelizar anunciantes. Apesar do alvoroço cultural e artístico – e suas aproximações com as vanguardas da cidade de São Paulo –, o Norte do Paraná “ainda era provinciano e tomado pelos donos rurais” (TRAJANO, 2020). A

primeira edição do Panorama conta com grandes anunciantes e saudações ao jornal, porém, aos poucos, o diário criou um desconforto com a comunidade e uma má impressão junto à classe empresarial, despreparadas para aquele jornalismo com sotaque metropolitano, irreverente e irônico. Em entrevista, a jornalista Célia Regina de Souza ressalta que “(...) os anunciantes mais tradicionais ainda ficavam com a Folha de Londrina” (SOUZA, 2020).

Apesar da experiência dos jornalistas que integravam o grupo do Panorama, muitas evidências indicam que o relacionamento com a comunidade foi um dos fatores decisivos para resultados negativos do jornal. O jornalista Domingos Pellegrini entende que o veículo não soube conversar com população de Londrina ao preferir chocá-la ao invés de entendê-la:

A visão deles era de impacto. Ao invés de chegar com uma visão de integração, eles chegaram com uma visão de impacto. Esse foi o grande erro. Mesma coisa que você chegar para alguém e pedir para ela fazer uma roupa modesta e, na hora de entregar, ela chega com um terno, um smoking. Inadequação. (PELLEGRINI, 2020)

Assim como Pellegrini, Monteiro afirma que a acidez do jornal pode ter sido o motivo de seu fim. A visão da cidade sobre o periódico era de que não estava vinculado a Londrina, fomentando que “só falava-se de puta e que todos os jornalistas eram maconheiros” (MONTeiro, 2020), criando uma barreira ainda maior entre os habitantes e os jornalistas.

### 3.3 PANORAMA EM DADOS

Em relação aos dados sobre o Panorama, não é possível quantificar com exatidão a maior parte das informações. Por um lado, os jornalistas entrevistados se mantinham distantes dos números sobre o jornal, contribuindo apenas com impressões genéricas do cotidiano da redação. Em contraponto, o próprio arquivo do periódico não aponta dados essenciais, como a tiragem e área de circulação. Há indicativos esparsos de que a edição era de 10 mil exemplares.

A convenção era de que cada exemplar atingia cinco pessoas, o que permite dizer que o público beirava 50 mil pessoas, numa população de 170 mil pessoas, de acordo com dados do Censo/IBGE. Na década de 1960, o Paraná tinha analfabetismo na faixa de 40% (FERNANDES, SANTOS, 2009). Aplicado à Londrina, haveria na cidade 85 mil pessoas aptas a ler jornal – o que faz da marca de 50 mil tão ambiciosa quanto expressiva.

Paulo Pimentel, devido à idade avançada – é um nonagenário – e dificuldades impostas pela pandemia, não pôde ser consultado. O empresário, contudo, foi entrevistado em três oportunidades pelo coordenador da pesquisa, sendo a última em 2016, sobre os jornais do seu conglomerado.

Baseando-se nas entrevistas dos jornalistas e do proprietário, evidencia-se o alto investimento realizado por Pimentel em todas as suas empresas, a quebra da receita publicitária e a redução das pretensões com o fim da primeira fase do jornal –

quadro agravado com a crise da Geada Negra – e o amparo em outros veículos do GPP para sua sobrevivência.

### 3.4 MULHERES NA REDAÇÃO

A partir das entrevistas, é possível perceber que a presença de mulheres na redação do Panorama era escassa. Ainda que poucas ocupassem cargos na equipe jornalística, a presença delas foi com mais frequência mencionada em outros setores do jornal, como os departamentos de pesquisa e documentação, de revisão e no setor de montagem gráfica. Todas são áreas que reforçam a concepção de que, no jornal, o trabalho feminino era ligado ao perfeccionismo e à paciência, logo refém aos estereótipos de gêneros e a divisão sexista do trabalho.

Os relatos cedidos pela jornalista Célia Regina de Souza e pela repórter fotográfica Elvira Alegre apontam que assédios verbais eram frequentes, mas que à época passavam por “brincadeiras”. Por fim, ambas relataram como o corporativismo masculino na redação foi responsável direto pela desvalorização do seu trabalho jornalístico.

### 3.5 PUBLICIDADE, FOTOJORNALISMO, HUMOR E CHARGES NAS PÁGINAS DO PANORAMA

O Panorama pode ser considerado consequência de uma intersecção estilística de veículos de grande influência da época, desde a revolução gráfica da revista Senhor, que circulou de 1959 a 1964, aproveitando da linguagem escrita e fotográfica presente na revista Realidade (1966-1976) e a revista americana Life (1936-2000), além do espírito alternativo presente na imprensa “nanica”. O jornal utilizava recursos de alto custo, com uma estrutura de grande investimento em que os lucros não superaram os gastos.

As técnicas editoriais, os recursos visuais e as inovações das técnicas de impressão, como o processo off-set, são fatores que mesmo considerados ricos estilisticamente não chegaram a conquistar os leitores londrinenses, além de possuir uma posição contra-hegemônica em alguns momentos, distanciando ainda mais a cidade e o veículo. Por esses motivos e outros, a Folha de Londrina acaba por ser a mais aceita pelos anunciantes tradicionais, levando a uma drástica diminuição na receita comercial do Panorama.

O recorte presente nesta pesquisa é somente o primeiro passo para a compreensão do Panorama e do seu legado em sua totalidade. Ainda assim, outros esforços de investigação sobre o periódico devem ser encorajados pelo evidente ineditismo desse histórico experimento jornalístico brasileiro.

Em fases posteriores dos estudos sobre o Panorama, ainda é necessário analisar com minúcia algumas das mais de 540 edições disponíveis em acervo. Devido à pandemia do coronavírus, a presente pesquisa ficou impossibilitada de realizar uma análise metódica dos conteúdos do jornal e isso deve ser revertido para um entendimento profundo do periódico. Por outro lado, as entrevistas com os antigos membros do Panorama se tornaram uma ferramenta de troca entre os veteranos e os jovens estudantes de Jornalismo. O interesse pelos bastidores do fazer jornalístico de quase

cinco décadas atrás se sobressaiu durante a pesquisa e existe a intenção da continuidade da investigação do Panorama por meio desse tipo de entrevista.

Até essa etapa da pesquisa, o Panorama expõe a quase impossibilidade de uma união saudável entre o jornalismo romântico e empresarial, mas e se outros experimentos deslocados tiveram sucesso nesse encontro? Esse estudo reafirma a urgência de se explorar outras contribuições à historiografia da imprensa brasileira além do eixo Rio-São Paulo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALEGRE, Elvira. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 29, jun, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASILE, Sidnei. **Elementos do jornalismo econômico**. Rio de Janeiro: Campus/Negócio Editora, 2002.

CHINEM, Rivaldo. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira – da ditadura à internet**. Salvador: Disal Editora, 2004.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2011.

FERNANDES, José Carlos; SANTOS, Marcio Renato dos. **Todo dia nunca é igual: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo**. Curitiba: Ed. Gazeta do Povo, 2009.

FERNANDES, José Carlos. **2.939 caixas de histórias do cotidiano**. Gazeta do Povo. Curitiba, 16 e 17 abr. 2016, Vida e Cidadania, p. 31.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. edição revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta, 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MONTEIRO, Nilson. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 23, jun, 2020.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PELLEGRINI, Domingos. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 15, jul, 2020.

SANT'ANNA, Lourival. **O destino do jornal:** a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHMIDT, Walter. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 18, jul, 2020.

SERRA, Wilson. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 10, dez, 2019.

SEVERIANO, Mylton. **Realidade:** história da revista que virou lenda. Florianópolis: Insular, 2013.

SOUZA, Célia Regina de. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 10, jul, 2020.

TRAJANO, José. [Entrevista concedida a] Hiago Rizzi, José Carlos Fernandes, Catarina Franceira, Giovana Frioli, Milena Aíssa da Silva Guilmo, Luísa Mainardes e Eduardo Magalhães Oliveira. 2, jul, 2020.

URQUIZA, Marconi de Albuquerque; MARQUES, Denilson Bezerra. **Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica.** Entretextos, v. 16, n. 1, p. 115-144, Londrina, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/20988>>. Acesso em: 18 mar. 2020.